O sinthoma e a gambiarra♦

Marcus André Vieira
Juliana Villa-Forte

Duas premissas

O trabalho do Seminário Clínico deste ano partiu de uma proposta: abordar o *sinthoma* como montagem, como artefato. Essa foi nossa escolha entre as várias possibilidades que o tema apresenta.

Trata-se de uma premissa que não pretende esgotar esse modo de abordagem do sinthoma, nem supor que essa abordagem seja necessariamente melhor que outra. O importante é que se abre, assim, uma investigação — essa que nos ocupou este ano — sobre como se pode montar e desmontar uma subjetividade.

Uma segunda decisão foi tomada para lançar essa investigação: trazer o tema da *gambiarra* e aproximá-lo do sinthoma. A proposta foi construir certa homologia entre eles. Trata-se de uma aproximação que nos pareceu útil por permitir melhor apreender a noção de sinthoma, pensando-o como gambiarra.

Por que gambiarra? A gambiarra aparece como desdobramento do próprio percurso do Seminário Clínico do ano passado, da proposta de construir um chão, um solo comum em relação ao modo como nos servimos das ferramentas conceituais da clínica lacaniana. Livro.

Naquele percurso, avançando nos conceitos em direção ao que Miller definiu como o último ensino de Lacan, fomos tirando os pés do chão: passamos do solo firme de conceitos como sujeito, objeto e fantasia para um terreno mais movediço, para a dimensão do litoral, da letra, até chegar ao sinthoma. Vimos, então, como os conceitos do último ensino são especialmente difíceis de se apreender, porque lidam com o gozo não apenas quando ele está articulado com as experiências comuns, que fazem sentido, mas também com aquelas em que o real da vida se apresenta fora de qualquer sentido. Por isso, quando queremos saber como nos servimos dessas ferramentas na clínica e como operamos com elas, precisamos de uma ajuda, de um apoio de concretude.

A gambiarra interessa justamente porque nos chama para o mundo concreto, para as coisas da vida cotidiana, os materiais, os elementos. Não é que a gambiarra venha no

---

♦ Material redigido a partir das apresentações de Juliana Villa-Forte e Marcus André Vieira no quarto encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio de 2026.

lugar do sinthoma, mas essa aproximação pode apoiar uma apreensão do sinthoma a partir de ações concretas, em situações concretas nas quais se realizam gambiarras.

Estabilização, solução e os preconceitos de eficácia social

É também aqui que a aproximação com a gambiarra interessa, porque uma gambiarra ou produz o efeito visado, de cumprir uma função, ou não é gambiarra, virou obra de arte. Não temos teoria do que é uma gambiarra. Basta o recenseamento do tema que lemos em Sabrina Sedlmayer. Mas essa diferença para nós é necessária para que não caiamos em uma estetização sublimatória das soluções analíticas. Há um aspecto pragmático em nossa clínica que não podemos deixar de lado.

A aproximação entre gambiarra e sinthoma recusa qualquer hierarquia entre eles, como se a gambiarra fosse algo mais precário, capenga, enquanto o sinthoma seria sofisticado, mais bem feito, uma versão final. Sempre nos acompanha a perigosa tentação de recobrir a solução dita precária da gambiarra pelas soluções psicóticas e deixar as montagens sinthomáticas para a neurose.

Não estamos propondo uma oposição entre precário e bem-acabado, ou entre instável e estável. Essa oposição sempre traz consigo uma ideia de estabilidade ou de montagem mais ou menos satisfatória, colocando em jogo valores embutidos, pré-conceitos dos analistas para julgar o valor da montagem.

Afinal, como avaliar uma mudança subjetiva? Por ela ter produzido estabilidade? Qual? Um aumento de salário no emprego? Um casamento? Quando tentamos definir qual seria um resultado interessante, abrimos a porta a todos os valores pessoais dos analistas e de sua comunidade tanto mais desconhecidos quanto tomados por evidentes.

Ora, a clínica do sinthoma é radicalmente não normativa, porque a estabilidade, nela, é coisa que se sustenta e se evidencia na própria solução. Ou ela é um nó, ou não. Ou, ainda, como diz Lacan “ela dá liga” (*ça tient*). Algo que temos que verificar caso a caso.

A pseudo hierarquia discriminatória que tentamos evitar, pode entrar pela janela por apoiar-se em uma importante distinção que surgiu em nossas discussões: a relação entre processo e produto. Em alguns momentos, parecia que a gambiarra seria o processo, o fazer, enquanto o sinthoma seria o produto, aquilo que desse fazer resulta. Novamente, não poderíamos seguir essa leitura pois ela cairia na normatividade hierárquica que queremos deixar de lado.

Visamos abordar estes dois aspectos em um mesmo movimento, pois é exatamente o que permite a gambiarra. Elegendo o sinthoma como montagem estamos, claramente, destacando o produto, mas, o próprio produto exibe as características do processo que o engendrou. Quando, por exemplo, se usa uma sandália havaiana para evitar que uma

porta bata com o vento, o processo, a produção é evidente no produto e isso se aplica mesmo às mais complexas gambiarras.

Ao partirmos do tema da gambiarra para examinar o sinthoma ganhamos outro modo de abordar a eficácia da solução encontrada. A questão da gambiara é outra: ela sempre se instaura para resolver um problema concreto ou cumprir uma função requerida pela realidade. Sua duração e validade depende de seu valor de solução.

A montagem subjetiva como nó

A questão que nos interessou foi menos o "para que", evidente no caso de qualquer gambiarra, mas o "como". Como uma montagem subjetiva se faz? Quais elementos? Que efeitos ela produz?

A própria psicanálise trabalha com aquilo que não se fecha, que não oferece garantias permanentes. Por isso, não se trata de avaliar uma montagem a partir de uma ideia prévia de acabamento ou de estabilidade, mas de perguntar pelo que ela realiza em cada situação.

Nossa única exigência para essa reestruturação de si, digamos, para essa estruturação narcísica que seria a montagem do sinthoma: É preciso que ela inclua aquilo que há de mais singular em cada um e, ao mesmo tempo, inclua os elementos comuns e universais necessários à vida coletiva.

Dito de outro modo, quando trazemos essa abordagem do sinthoma, estamos tomando a decisão de abordar uma montagem que inclui o gozo como um de seus elementos. Ele não ficará de fora, nem mesmo de forma êxtima. O gozo entendido como aquilo que está em nós e que não se tem como dizer o que é, que não tem sentido uma vez que é só vida. Com a análise, é possível, no entanto, incluir algo dessa vida na vida.

Quando trata dos discursos, Lacan aborda esse real seja como entrando na montagem do discurso como objeto, objeto a, seja ficando inteiramente de fora, como efeito de ruptura e mudança de discurso. Quando aborda o sinthoma a partir do *nó borromeano* o real estará no próprio nó. É uma teorização extremamente paradoxal, já que é, ao mesmo tempo, muito abstrata — sem sentido, apenas elos de barbante —, mas também muito concreta: tudo é muito prático, afinal é uma clínica dos nós. Ou a coisa se sustenta ou não.

É também aqui que a aproximação com a gambiarra interessa, porque uma gambiarra ou produz o efeito visado, de cumprir uma função, ou não é gambiarra, virou obra de arte. Não temos teoria do que é uma gambiarra. Basta o recenseamento do tema que lemos em Sabrina Sedlmayer. Mas essa diferença para nós é necessária para que não

caiamos em uma estetização sublimatória das soluções analíticas. Há um aspecto pragmático em nossa clínica que não podemos deixar de lado.

As gambiarras subjetivas e seus elementos

Do mesmo modo que a gambiarra nos ajuda a dar materialidade ao sinthoma, o sinthoma — ou melhor, a teoria lacaniana do nó borromeano —, de modo inverso, vai delimitar, no vasto campo do que seriam as gambiarras, aquelas que nos interessam.

Neste sentido, as gambiarras que mais nos interessarão são aquelas em que possamos discernir ao menos três elementos heterogêneos, como no nó borromeano.

O nó implica uma lógica distinta da habitual. Em *A fuga do sentido*, Miller retoma justamente esse movimento no ensino de Lacan: "RSI é o desmoronamento do binarismo. RSI implica que o binarismo profundo que sustenta as construções de Lacan cede e deve ser substituído por um ternarismo assumido.[1]". No lugar do que conhecemos como articulação, entra o enodamento, tal como aparece no Nó Borromeano. Ou seja, não se trata simplesmente de ter três elementos, mas de pensar o modo como eles se enodam, se relacionam.

É a partir dessa pluralidade de elementos que decidimos, para trabalhar os fragmentos de caso, destacar como eixos de leitura as três propriedades do nó definidas por Lacan: consistência, ex-sistência e furo.

Não são três categorias isoladas, que possamos separar como se fossem cada coisa em uma prateleira. São propriedades relacionais do nó, operações específicas de relacionamento que permitem olhar para o modo como os elementos da montagem se relacionam, se enlaçam: o que se mantém junto (I), o que ex-siste (R) e como a montagem dá lugar à função do furo (S).

Neste ponto, introduzimos mais uma dobra: é sempre três mais um. Como o próprio Miller avança no texto, "o ternário se complica e se revela, em definitivo, como quaternário". Não conseguimos discernir os elementos entre si sem o quarto elemento. É nessa lógica que o sinthoma aparece como o quarto elo.

Assim, as três propriedades do nó não funcionam como critérios separados para determinar onde está cada elemento de uma montagem. Elas permitem acompanhar os modos de relação entre eles, considerando que o enodamento implica também esse quarto elemento.

Os casos

A aposta na homologia entre sinthoma e gambiarra se desenrolou na discussão de casos em que essa montagem pôde ser pensada a partir de elementos concretos da experiência — como pedaços de carne ou uma pasta com papéis de identidade. Isso nos oferece uma materialidade para elementos subjetivos, para que possamos discutir no concreto do que aparece na clínica.

O passo seguinte deste trabalho consistiu em transpor essas premissas para o campo da neurose, no qual os materiais da gambiarra não são tão evidentes. Não são óculos ou papéis. São recortes de história, fragmentos de memória, nomes, ideias, sentimentos. Estamos em um mundo mais virtual.

É o caso, por exemplo, de um relato de passe. Tomamos um testemunho de passe como paradigma. Seus elementos são pressuposições, axiomas ou premissas apresentados no intuito de pensarmos o que foi a montagem proposta naquele testemunho. O relato de passe também nos interessa por ser uma montagem conclusiva, ele é produzido para traduzir, ou às vezes realizar, a conclusão de uma análise, uma saída conclusiva da transferência, até então motor e obstáculo do trabalho. O testemunho do passe demonstra justamente como os elementos que pareciam dispersos puderam, afinal, se enodar em uma amarração que se sustenta sem recurso ao encontro com o analista uma vez que a singularidade que teimava em se esconder atrás do sujeito suposto saber, já passa a fazer parte da remontagem subjetiva ocorrida.

Com a aproximação com a gambiarra, destaca-se como essa solução pode "por enquanto". Do nosso ponto de vista, que tira o final da análise do Olimpo, ele é a solução daquela transferência e naquele momento, não é a solução da vida. Havia algo no analista que me agarrava a ele que, em algum momento, se desagarrou justamente por poder ser encaminhado de outra maneira. Não nos libertamos do que não se pode dizer, mas foi possível colocá-lo na conta de outro modo, mudando-a de cabo a rabo.

---

[1]Miller, J-A. *La fuga del sentido* (1995-1996). Buenos Aires: Paidós, 2012. p. 314.